

## Pequena análise poético-filosófica das “Artes Poéticas” de Sophia de Mello Breyner

Andresen

Rosely de Fátima Silva<sup>1</sup>

**RESUMO:** Aceitar a concretude das coisas e a sua efemeridade, enquanto característica de uma existência plena, posto que vivida. Tal parece ser a pedra de toque da poética de Sophia de Mello Breyner Andresen. Fazer da escrita poética um exercício que se aproxime do *kalós kagathós* grego, da ação bela e nobre, mas fazer dessa beleza e dessa nobreza presença na realidade, realidade das coisas, jungida às palavras. Sem ser transcendente, deus está presente: é palavra e realidade.

**PALAVRAS-CHAVE:** Sophia de Mello Breyner Andresen. *Artes Poéticas*.

**SHORT POETIC-PHILOSOPHICAL ANALYSIS OF SOPHIA DE MELLO BREYNER ANDRESEN'S “POETIC ARTS”**

**ABSTRACT:** Accepting the concreteness of things and their effermerity, as characteristic of a full existence, given that it is lived. This seems to be the touchstone of Sophia de Mello Breyner Andresen's poetics. Make poetic writing an exercise that comes close to the Greek *kalós kagathós*, the beautiful and noble action, but make this beauty and this noble presence in reality, reality of things, attached to words. Without being transcendent, God is present: it is word and reality.

**KEYWORDS:** Sophia de Mello Breyner Andresen. *Poetic Arts*.

*O meu olhar tornou-se liso como um vidro. Sirvo para que as coisas se vejam.*<sup>2</sup>

Aceitar a concretude das coisas e a sua efemeridade, enquanto característica de uma existência plena, posto que vivida: “E a hora da minha morte aflora lentamente/Cada dia preparada”.<sup>3</sup> Tal parece ser a pedra de toque da poética de Sophia de Mello Breyner Andresen. Fazer da escrita poética um exercício que se aproxime do *kalós kagathós* grego, ou seja, da ação bela e nobre, mas fazer desse belo e dessa nobreza presença na realidade, realidade das coisas, jungida às palavras. Sem ser transcendente, deus está presente: “Deus é no dia uma palavra calma/Um sopro de amplidão e de lisura.”<sup>4</sup> E na *Arte Poética I*, a poeta nos diz: “Olho para a ânfora: quando a encher de água ela me dará de beber. Mas já agora ela me dá de beber. Paz e alegria, deslumbramento de estar no mundo, religação.”<sup>5</sup>

Em Sophia, esse *religare* às coisas, essa plenitude, é de natureza solar, quase sempre; não é essa a ambiência, por exemplo, da obra *O Cristo Cigano*, em que predomina um jogo entre a

<sup>1</sup> Mestra em Filosofia pela Universidade de São Paulo. Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Literatura Portuguesa da Universidade de São Paulo.

<sup>2</sup> As Grutas, in *Livro Sexto, Obra Poética*, p. 450. Todas as citações à obra da poeta Sophia de Mello Breyner Andresen, neste artigo, referem-se à antologia realizada pela editora Tinta-da-china: *Obra poética / Sophia de Mello Breyner Andresen – I. ed.* - Rio de Janeiro: 2018 – exceto quando indicada outra edição.

<sup>3</sup> Poema, in *Geografia, Obra Poética*, p. 579.

<sup>4</sup> Deus é no dia, in *Mar Novo, Obra Poética*, p. 414.

<sup>5</sup> *Arte Poética I*, in *Obra Poética*, p. 893.

luz e a treva, e em outros momentos de sua obra. No entanto, quando presente, seja em plenitude, seja em parcialidade, essa luminosidade está ligada, metonimicamente, ao sentido da visão, ao olhar. E esse sentido está onipresente em sua obra. Tal olhar espande e sorri às coisas, não como um esgar dos lábios, mas como o sorriso contido em um olhar contente<sup>6</sup>, semelhante neste contentamento ao do Mestre Caieiro, em *O Guardador de Rebanhos* (PESSOA, 1986, p. 203):

Mas a minha tristeza é sossego  
Porque é natural e justa  
E é o que deve estar na alma  
Quando já pensa que existe  
E as mãos colhem flores sem ela dar por isso.

Os meus pensamentos são contentes  
Só tenho pena de saber que eles são contentes,  
Porque, se o não soubesse,  
Em vez de serem contentes e tristes,  
Seriam alegres e contentes.

Para falarmos do olhar *de* e *em* Sophia, é preciso fazermos uma pequena digressão: imaginemos o filósofo grego Aristóteles enquanto um cidadão português contemporâneo – ou um falante da língua portuguesa -, certamente Sophia seria uma de suas poetisas prediletas, em sua escolha ao retorno às coisas *mesmas*, pois, através das suas escolhas frasais, dos seus ritmos e imagens poéticas, através das imagens e metáforas gregas utilizadas em sua poética, poetizou, como ele “filosofó coaccionado por los fenómenos, coaccionado por la verdad” (COURTINE, 1994, p. 247). Que verdade é essa? É a verdade que o olhar nos dá. Que olhar é esse, a que ele se dirige? Heidegger, em sua retomada grega, de fundo aristotélico, talvez aponte uma resposta: “Em sentido grego, ‘verdadeira’ e sem dúvida mais originária do que o referido *lógos*, é a *aisthésis*, a simples percepção sensível de algo. [...] então o perceber é sempre verdadeiro.” (HEIDEGGER, 2012, p. 117)

Comentando o termo *ousía* em seu vocabulário de Aristóteles, Pierre Pellegrin (2010, p. 61) nos diz:

Que a substância seja o sentido primeiro do ser significa duas coisas: em primeiro lugar, no nível real, a primazia da existência dos corpos, que são condições da existência das quantidades, qualidades e todas as outras qualificações; em segundo lugar, no nível lógico, que a substância é o substrato-sujeito de todas as outras categorias que são seus atributos.

O que essas palavras de Pellegrin nos dizem? Falam-nos do contraste de apreensão do mundo entre Aristóteles e Platão, ou seja, de um modo de olhar. Contrariamente ao seu mestre,

---

<sup>6</sup> Ou será o olhar de Sophia um sorriso contido, mas o seu olhar é, ainda assim, contente?

Aristóteles não considerava os dados sensíveis uma contrafação da existência. Ele foi, também, um filósofo do olhar, do mundo visível. O mundo sensível não era mera imagem da realidade. Assim inicia a sua *Metafísica* [980a 21ss]<sup>7</sup>:

Todos os homens desejam por natureza o saber. Assim o indica o amor aos sentidos – ou às sensações, até mesmo à parte de sua utilidade, são estimados em si mesmos e, mais que todos, a visão. De fato, não apenas para agir, mas também quando nada pretendemos fazer, preferimos a visão a todos os outros sentidos [...]. A causa disso é que, dentre todos os sentidos, este é o que mais nos faz conhecer e mostra muitas diferenças.

Há poetas que também fazem essa escolha: Sophia de Mello Breyner Andresen é uma delas. Podemos dizer que Caeiro é um de seus mestres? Citamos o poema II de *O Guardador de Rebanhos*, na íntegra, por pura incapacidade de retirar trechos. Vejamos:

O meu olhar é nítido como um girassol.  
Tenho o costume de andar pelas estradas  
Olhando para a direita e para a esquerda  
E de vez em quando olhando para trás...  
E o que vejo a cada momento  
É aquilo que nunca antes eu tinha visto,  
E eu sei dar por isso muito bem...  
Sei ter o pasmo essencial  
Que tem uma criança se, ao nascer,  
Reparasse que nascera deveras...  
Sinto-me nascido a cada momento  
Para a eterna novidade do Mundo...

Creio no mundo como num malmequer,  
Porque o vejo. Mas não penso nele  
Porque pensar é não compreender...  
O Mundo não se fez para pensarmos nele  
(Pensar é estar doente dos olhos)  
Mas para olharmos para ele e estarmos de acordo...

Eu não tenho filosofia; tenho sentidos...  
Se falo na Natureza não é porque saiba o que ela é,  
Mas porque a amo, e amo-a por isso,  
Porque quem ama nunca sabe o que ama  
Nem sabe por que ama, nem o que é amar...

Amar é a eterna inocência,  
E a única inocência não pensar...

Sophia parecer responder ao Mestre Caeiro, em *Poema*<sup>8</sup>:

<sup>7</sup> Trecho adaptado a partir das traduções de Valentín García Yedra e Lucas Angioni.

<sup>8</sup> in *Geografia, Obra Poética*, p. 579.

A minha vida é o mar o Abril a rua  
O meu interior é uma atenção voltada para fora  
O meu viver escuta  
A frase que de coisa em coisa silabada  
Grava no espaço e no tempo a sua escrita

Não trago Deus em mim mas no mundo o procuro  
Sabendo que o real o mostrará

Não tenho explicações  
Olho e confronto  
E por método é nu meu pensamento

A terra o sol o vento o mar  
São minha biografia e são o meu rosto

Por isso não me peçam cartão de identidade  
Pois nenhum outro senão o mundo tenho  
Não me peçam opiniões nem entrevistas  
Não me perguntem datas nem moradas  
De tudo quanto vejo me acrescento

E a hora da minha morte aflora lentamente  
Cada dia preparada

Trata-se aqui daquele verbo que os portugueses usam de modo tão peculiar: *perceber*, quase sempre na acepção de compreender. Se perceber algo é notá-lo, notá-lo é compreendê-lo? Basta notá-lo para percebê-lo, ou seja, compreendê-lo? É o olhar, a visão, o sentido determinante da apreensão poética? Lorca já o dissera, em seu artigo *La imagen poética de Góngora* (1972, p. 93-127): um poeta deve ser professor dos cinco sentidos, e o primeiro deles é a visão, a qual forma e delimita as metáforas e, por conseguinte, delinea o raio de ação das imagens poéticas.

O olhar poético de Sophia percorre ora imagens iluminadas, ora à meia-luz, ora à noite, mas está sempre presente: seu olhar é o farol; dir-se-ia que de sua caneta partem luzeiros que a todas as coisas iluminam ou assinalam. É a poeta do *phainómenon*, seguindo a bela etimologia grega: *pháos* – luz, luz solar, luz da vida; *phainô* – dar luz, alumbrar, manifestar, assinalar.

Mas a fleuma grega antiga de Sophia é fortemente tocada pela melancolia moderna, e então, outro Mestre, – ou, antes, outra faceta do Mestre –, alia-se à sua escrita, neste poema em homenagem a Ricardo Reis, constante da obra *Dual*:

Faz da tua vida em frente à luz  
Um lúcido terraço exacto e branco,  
Docemente cortado  
Pelo rio das noites.

Alheio o passo em tão perdida estrada

Vive, sem seres ele, o teu destino.  
Inflexível assiste  
À tua própria ausência.<sup>9</sup>

Neste mundo – em que vivemos –, o *religare* às coisas está ameaçado e, paradoxalmente, essa mesma ameaça nos permite um aprendizado do olhar: “Talvez a arte deste tempo em que vivo me tenha ensinado a olhá-las” – Sophia se refere às ânforas de barro epifânicas de *Arte Poética I*, representação sensível da realidade – “melhor. Talvez a arte deste tempo tenha sido uma arte de ascese que serviu para limpar o olhar.”<sup>10</sup>

Nesses momentos, sentimos os ecos do *kalós kagathós* grego na escrita de Sophia: o ato poético de Sophia é uma escolha hermenêutica que possui um lastro ético de atuação, permanência e apreensão do mundo:

A beleza da ânfora de barro pálido é tão evidente, tão certa que não pode ser descrita. Mas eu sei que a palavra beleza não é nada, sei que a beleza não existe em si mas é apenas o rosto, a forma, o sinal de uma verdade da qual ela não pode ser separada. Não falo de uma beleza estética mas sim de uma beleza poética.<sup>11</sup>

E, na *Arte Poética II*:

A poesia [...] Pede-me uma intransigência sem lacuna. Pede-me que arranque da minha vida que se quebra, gasta, corrompe e dilui uma túnica sem costura.<sup>12</sup>

A túnica, veste inteiriça, associada aos patriarcas bíblicos, simboliza a inteireza proposta, ou colocada no horizonte, pelo exercício poético – e vital - de Sophia. Dir-se-ia que Sophia respira pelas palavras que a acompanham cotidianamente.

No poema *O Sol O Muro O Mar*<sup>13</sup>, lemos:

O olhar procura reunir um mundo que foi destroçado pelas fúrias.  
[...]  
Diz-se que para que um segredo não nos devore é preciso dizê-lo  
em voz alta no sol de um terraço ou de um pátio.  
Essa é a missão do poeta: trazer para a luz e para o exterior o medo.  
[...]  
No promontório o muro nada fecha ou cerca  
Longo muro branco entre a sombra do rochedo e as lâmpadas das  
águas.

<sup>9</sup> Poema da *Homenagem a Ricardo Reis*, constante em *Dual*, in *Obra poética*, p. 607.

<sup>10</sup> *Arte Poética I*, in *Obra Poética*, p. 893.

<sup>11</sup> *Arte Poética I*, in *Obra Poética*, p. 893.

<sup>12</sup> *Arte Poética II*, in *Obra Poética*, p. 895.

<sup>13</sup> *Ilhas*, in *Obra Poética*, p. 795.

No quadrado aberto da janela o mar cintila coberto de escamas e brilhos como na infância.

O mar ergue o seu radioso sorrir de estátua arcaica.  
Toda a luz se azula.  
Reconhecemos nossa inata alegria: a evidência do lugar sagrado.

Neste “mundo destroçado pelas fúrias”, o olhar de Sophia cria o elo entre o efêmero e o que mais for a nossa existência. É pelo olhar poético que ela o faz, esse olhar-existência que vê o elo entre todas as coisas, entre nós e tudo que nos cerca. Singelo e pleno, agudo e calmo. Inteiro:

É por isso que eu levo a ânfora de barro pálido e ela é para mim preciosa. Ponho-a sobre o muro em frente ao mar. Ela é ali a nova imagem da minha aliança com as coisas. Aliança ameaçada. Reino que com paixão encontro, reúno, edifico. Reino vulnerável. Companheiro mortal da eternidade.<sup>14</sup>

Temas e imagens recorrentes em Sophia, *o mar* – elemento sempre em movimento, sempre em mutação de forma e humores; em contraposição ao mar, *o muro*, a marca histórica da presença do homem no mundo; e o *olhar*, que contempla, ao mesmo tempo que perscruta.

Em Sophia, há uma inteireza fugidia, colada ao momento epifânico da escrita e da leitura – que é, também, uma releitura. Dir-se-ia que é justamente esse exercício, pontuado pela efemeridade, que proporciona a inteireza buscada pela escritora e que pode ser tocada, sentida, por nós, leitores, em uma releitura que aponta para a eternidade. A poeta indica que crê nesse fenômeno; basta lermos *O Poema*, constante no *Livro Sexto*<sup>15</sup>:

O poema me levará no tempo  
Quando eu não for a habitação do tempo  
E passarei sozinha  
Entre as mãos de quem lê

O poema alguém o dirá  
Às searas

Sua passagem se confundirá  
Com o rumor do mar com o passar do vento

O poema habitará  
O espaço mais concreto e mais atento

No ar claro nas tardes transparentes  
Suas sílabas redondas

<sup>14</sup> *Arte Poética I*, in *Obra Poética*, p. 894.

<sup>15</sup> *Livro Sexto*, in *Obra Poética*, p. 461.

(Ó antigas ó longas  
Eternas tardes lisas)

Mesmo que eu morra o poema encontrará  
Uma praia onde quebrar as suas ondas

E entre quatro paredes densas  
De funda e devorada solidão  
Alguém seu próprio seer confundirá  
Com o poema no tempo

### Um excurso para finalizar:

Nos manuscritos, em um dos cadernos de Sophia<sup>16</sup> em que constam os planos para as artes poéticas, lemos e vemos:

- I – Reino
- II – Arte e artesanato
- III – A dor que de veras sente
- IV – Invocação e exorcismo

Acima, dissemos que Aristóteles, o filósofo estagirita, se fosse português – ou um falante da língua portuguesa –, certamente teria a poeta Sophia de Mello Breyner Andresen como uma das suas prediletas. É preciso justificar – ou ao menos tentar justificar – tal digressão. Tentemos: sabemos que *Édipo Rei*, a tragédia de Sófocles, é considerada por Aristóteles uma tragédia modelar. O motivo exposto na *Poética* (XI, 1452a30-1452b3) é o da coincidência entre o reconhecimento – ou *anagnórisis* – e a peripécia. Em resumo, o reconhecimento pelo herói Édipo de quem ele realmente é se dá no exato momento da mudança – no caso, cruenta – de seu fado. Édipo é, antes de tudo, a representação de um herói do conhecimento humano, conhecimento esse vinculado ao olhar e ao *lógos* e cujos supostos sucessos o levam à *hybris* desse conhecimento, desse olhar. Não por acaso, ao saber de seu desconhecimento, provocado por se considerar dotado de visão interpretativa do mundo, Édipo fere os próprios olhos, cegando-os.

Em Portugal, temos um outro herói da *hybris* do olhar: Fernando Pessoa. Essa *hybris* é constitutiva para a poesia contemporânea e sua influência é visível em Sophia – para permanecermos no registro do sentido da visão. Caeiro pode ser um modelo de olhar para

---

<sup>16</sup> Este material está sob a guarda da BNP – Biblioteca Nacional de Portugal, à qual agradecemos o acesso à consulta, realizada durante a Mostra “Sophia – instantes de poesia”. A mostra iniciou-se em 09 de dezembro de 2019 e se encerra na data de 1º de fevereiro de 2020 – programação oficial inicial divulgada nos canais de comunicação da BNP.



Sophia, enquanto Reis assemelha-se mais a um influenciador de estilo temático. Mas, como vimos, Sophia vai muito além dos possíveis mestres ou influenciadores. Se há dor, se há melancolia, o seu olhar ainda lá permanece, em atividade perscrutadora e vitalizante.

Ao analisar o desdobramento do olhar de Pessoa, Leyla Perrone-Moisés conclui que Caeiro é o olhar nítido – ou o projeto de, posto que é perceptível, muitas vezes, o esforço para alcançar tal olhar, nas construções repetitivas em seus poemas – os “Quem me dera...” –, enquanto Reis seria o discípulo que cultivava “a indiferença soberba dos seres magoados. Seu estoicismo é uma autodefesa.” (PERRONE-MOISÉS, 1988, p. 339). Fernando Pessoa, ortônimo, não consegue olhar; seu pensamento atravessa o que vê como dardos e nada que se apresente a ele do mundo sensível foge da atividade de sua razão onipresente e enlouquecida. E Álvaro de Campos é o heterônimo que permite a Fernando Pessoa o olhar fraturado e o vivenciar dessa razão enlouquecida:

Experiência feliz ou infeliz, é o olhar que produz a poesia pessoana. É a força do olhar de todos os egos em que se encarnou Pessoa que confere a sua(s) obra(s) a formidável possibilidade de gerar aquelas imagens que se inscrevem em nosso interior e que, num segundo tempo, aguçam o olhar míope que nós, leitores, lançamos cotidianamente ao mundo. Este é olhar da poesia, da arte. ‘A arte torna visível’, dizia Klee.

[...]

O trabalho do poeta não consiste em reproduzir o que seu olhar captou no real, mas em produzir uma visão mais intensa. Nesse sentido, a poesia de Pessoa, como toda grande poesia, é um fantástico aparelho óptico. (PERRONE-MOISÉS, 1988, p. 345).

Sophia, em nossa visão, superou a *hybris* do conhecimento e a angústia do sujeito fraturado moderno-contemporâneo através da convivência com ambos: “não há poesia sem silêncio, sem que se tenha criado o vazio e a despersonalização”<sup>17</sup>. Sophia é pessoana às avessas, diríamos... o seu eu não é fraturado, mas, antes, como as ânforas citadas anteriormente, deixam-se preencher pelo mundo. Há uma suave disciplina da escuta do mundo e do olhar que proporcionam a constituição de uma poética diferente, a qual remete aos ecos de uma poesia imemorial, atemporal, presente em todas as coisas, ou seja, o fazer poético como sopro vital, como respiração e, também, o fazer poético como inserção na história e ação política, conforme ela descreve em suas *Artes Poéticas* – leiam-se, abaixo, trechos da *Arte Poética III*, que deslindam a sua obra e o seu ser poético, mostrando-nos quão orgânica é a sua relação com a poesia e as intersecções ou, antes, a unidade entre a sua *práxis* poética e a sua *práxis* ética:

A coisa mais antiga de que me lembro é dum quarto em frente do mar dentro do qual estava, poisada em cima duma mesa, uma maçã enorme e vermelha.

<sup>17</sup> *Arte Poética V*, in *Obra Poética*, p. 904.



Do brilho do mar e do vermelho da maçã erguia-se uma felicidade irrecusável, nua e inteira. Não era nada de fantástico, não era nada de imaginário: era a própria presença do real que eu descobria.

[...]

Sempre a poesia foi para mim uma perseguição do real. Um poema foi sempre um círculo traçado à roda duma coisa, um círculo onde o pássaro do real fica preso.[...] Quem procura uma relação justa com a pedra, com a árvore, com o rio, é necessariamente levado, pelo espírito de verdade que o anima, a procurar uma relação justa com o homem. Aquele que vê o espantoso esplendor do mundo é logicamente levado a ver o espantoso sofrimento do mundo. Aquele que vê o fenómeno quer ver todo o fenómeno. É apenas uma questão de atenção, de sequência e de rigor.

E conclui:

[...] e é por isso que a poesia é uma moral. [...] a busca da justiça é desde sempre uma coordenada fundamental de toda a obra poética. [...] no teatro grego o tema da justiça é a própria respiração das palavras.

Mas, como bem salienta a poeta, não se trata de moral, em seu sentido apequenado, mas da moral enquanto sinónimo de Ética, de uma *não aceitação* da “fatalidade do mal”, de uma revolta diante do “sofrimento do mundo”. E Sophia cita a Antígona, de Sófocles: ‘Eu sou aquela que não aprendeu a ceder aos desastres’.

Curioso diálogo com a antiguidade e com o moderno, com a inteireza grega e o eu todo dividido de uma época poética influenciada pelo advento de Fernando Pessoa, Sophia é, como belamente distingue Eduardo Lourenço:

Fiel à sua poética, não fecha os olhos à experiência humana do ‘espantoso sofrimento do mundo’. Como Eurídice, descerá a esse inferno para o exorcizar. A sua maneira concreta, inclusive sensual, que não é a de Fernando Pessoa, esse Fernando Pessoa que no meio do caminho da sua vida se lhe tornou familiar não só pela luminosidade abstracta da sua visão, mas também como a própria figura do Ausente em si, do dilacerado e múltiplo, tão diferente de si e tão paradoxalmente complementar. É na Grécia, nesta Grécia a um tempo bem real do presente e mítica quando Pessoa e Sophia se encontraram. Não há na nossa poesia retrato mais exacto, mais neutralmente pessoano que o de Sophia com o fundo do mar homérico. Convocando-o a uma Grécia à qual nunca foi, oferecendo-lhe num instante a Unidade para ele inexistente, Sophia inventa para o Dividido um lar póstumo pelo qual Pessoa sempre suspirou. E em si mesmo integrou uma ausência na qual molhou os seus dedos sem se perder nela. Nela escondeu a sua noite que por ser coroada de estrelas como a de Dante não continha menos o seu peso em lágrimas. (LOURENÇO, 2016, p. 479).

Poeta do olhar imenso, infinito ao mirar o mar; a princípio, princesa das águas claras, depois, Antígona e Eurídice, sibila que evoca o nome das coisas, atenta aos muros e paredes humanos, exorcizadora da fratura existencial e Orpheu conciliadora. Seu nome predestinado, como salientou Eduardo Lourenço, a todos tocados por sua escrita, sedutoramente subjuga:

*Sophia.*

**Referências:**

- ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner. *Obra poética*. Rio de Janeiro: Tinta-da-china, 2018.
- ARISTÓTELES. *Metafísica de Aristóteles*. Edición Trilingüe de Valentín García Yedra. Madrid: Editorial Gredos, 1987.
- \_\_\_\_\_. *Metafísica*. Livro I (Alfa), Livro II (Alfa elatton), Livro III (Beta). Tradução, introdução e notas de Lucas Angioni. Clássicos da Filosofia. Cadernos de Tradução n. 15. Campinas: UNICAMP/IFCH, fevereiro de 2008.
- \_\_\_\_\_. *Poética*. Edição bilíngue. Tradução de Eudoro de Souza. São Paulo: Ars Poetica, 1993.
- CASSIN, Barbara. *Nuestros Griegos y sus Modernos. Estrategias Contemporáneas de Apropiación de la Antigüedad*. Textos Reunidos por Barbara Cassin. Buenos Aires: Ediciones Manantial, 1994.
- COURTINE, Jean-François. *Uma difícil transacción: Heidegger, entre Aristóteles y Lutero*. In *Nuestros griegos y sus modernos: Estrategias contemporáneas de apropiación de la Antigüedad*. Textos reunidos por Barbara Cassin. Ediciones Manantial. Buenos Aires, 1994,
- HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo*. Tradução, organização, nota prévia, anexos e notas: de Fausto Castilho. Campinas, SP: Editora da Unicamp; Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2012.
- LOURENÇO, Eduardo. *Obras Completas: vol III – Tempo e Poesia*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2016.
- LORCA, Federico Garcia. *Prosa*. Madrid: Alianza Editorial, 1972.
- PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Pensar é estar doente dos olhos. in O Olhar*. Organização de Aduino Novaes. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- PELLEGRIN, Pierre. *Vocabulário de Aristóteles*. Tradução de Claudia Berliner; revisão técnica Marcos Ferreira de Paula. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.
- PESSOA, Fernando. *Obra Poética*. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguillar, 1986.
- SÓFOCLES. *Édipo Rei de Sófocles*. Tradução de Trajano Vieira; apresentação J. Guinsburg. São Paulo: Editora Perspectiva, 2004.